

198 'A literatura aconteceu sem provocações'

Na política há trinta anos o senador e acadêmico José Sarney jura que a literatura está em primeiro lugar na sua vida. "A política foi um destino, a literatura veio sem provocações", afirma o presidente do Senado. No Congresso, ele divide apenas com o senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ) o privilégio de ser um imortal da Academia Brasileira de Letras, o que o inclui na lista dos parlamentares intelectuais. Orgulhoso e feliz, ele lança amanhã em São Paulo, na Editora Siciliano, o seu último livro, *O Dono do Mar*, que conta histórias de amor dos navegadores. "Estou muito feliz, o livro é bom, acho que é o melhor que já escrevi e não tem nada de pornográfico", afirmou Sarney nesta entrevista ao *Jornal de Brasília*. Não descarta claramente a candidatura à Presidência da República em 98, mas garante que nos seus planos para o futuro a literatura é uma prioridade.

O que mais agrada a José Sarney: a política ou a literatura?

— A literatura. A minha vida tem duas vertentes: a da política e a da literatura. A política foi um destino que tomou conta de mim. A literatura aconteceu sem provocações. Foi o gosto de eternizar as coisas pelas palavras. Eu sempre fui seduzido pelo mundo da criação. Embora a política ocupe muito tempo da minha vida, nunca me faltou um gesto de amor com a literatura. Tenho mostrado ao longo da minha vida política a minha ligação com a arte, com a cultura, trabalhei por projetos de incentivos à cultura e sempre procurei valorizar todos os seus ângulos.

— O que aconteceu primeiro, o gosto pela política ou o gosto pelas letras?

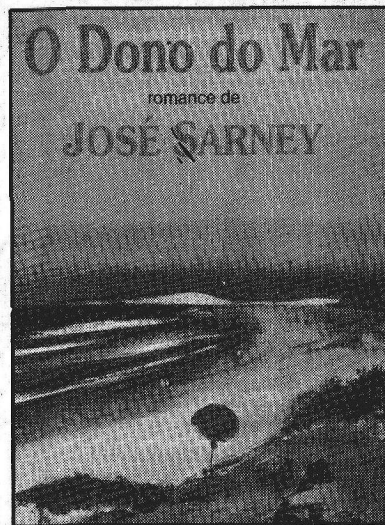
— Comecei a escrever antes de entrar para a política. O jornalismo me levou a isso. Com 22 anos eu entrei para a Academia Maranhense de Letras e já tinha livros de poe-

mas publicados. A política veio depois e nunca anulou minha admiração pelo mundo das letras.

— E o que mais o fascina: o Congresso ou a Academia Brasileira de Letras?

— Não digo que é a Academia, mas me fascina muito mais o mundo do livro, do que o mundo político. Eu passo a maior parte do meu tempo aqui no Congresso, mas não deixo de pensar nos livros, nas idéias que quero colocar no papel. O Capitão Critório (personagem principal de *O Dono do Mar*) estava permanentemente na minha cabeça, no meu pensamento, mesmo quando eu estava aqui trabalhando. Eu sou muito disciplinado, leio todos os dias antes de dormir e antes de me levantar da cama. Não vou ao cinema, não vou ao teatro e nem vejo televisão, a minha vida é dedicada aos livros.

— O parlamento brasileiro, no passado, já teve muitos acadêmicos. Hoje apenas o senhor e o senador Darcy Ribeiro estão na



ABL. O que mudou, a política ou os eleitores?

— Antigamente a formação humanística de todos nós era muito mais exigida. Com a democracia estável e a massificação da política o Congresso hoje é formado por vários segmentos da sociedade brasileira.

— Isso é bom ou é ruim?

— São duas coisas separadas. No mundo anglo-saxônico os homens são mais ligados às coisas materiais. Na América do Sul nós temos vários exemplos de homens políticos ligado à literatura. No mundo latino há sempre essa busca. Não podemos dizer que é bom ou que é ruim, mas sempre fez parte da nossa cultura a ligação das duas coisas.

— Em o Dono do Mar o senhor apresenta um novo estilo, com uma linguagem mais erótica, não utilizada nos seus livros anteriores. Por que a mudança?

— Primeiro, o Dono do Mar é,

modestamente, um bom livro e eu tenho um espírito público que é crítico. Eu tenho muito gosto em lançar este livro, ele me deu muita felicidade. Tem uma temática que não é comum na literatura brasileira, o mar. Ali ele não é periférico, é o personagem central. É uma fabulação da realidade com histórias de grandes navegadores e dentro disso tudo é natural permear o amor. Mas não tem expressões vulgares e nem pornografia, é apenas a pureza do amor, que tem como ingrediente natural o acasalamento. Todas essas passagens são feitas em metáforas, não chocam as pessoas. Acho que é o meu melhor livro, o que eu mais gostei de escrever.

— Nos seus planos para o futuro o que terá prioridade: a carreira do escritor ou a carreira do político?

— Tenho outros livros em mente para escrever. Já tenho um de memórias com o primeiro volume pronto, em que relato fatos do meu nascimento até a Presidência da República, mas não vou publicá-lo agora. Chama-se Testamento para Roseana (a filha, governadora do Maranhão). A política é destino, ela acontece, ninguém planeja. Nem o herdeiro do trono inglês planeja a política na sua vida.

— Mas os seus amigos dizem que o senhor será candidato à Presidência da República em 1998...

— O meu desejo é ir para a literatura. Ela está sempre em primeiro lugar na minha vida. E faço até uma confissão: fiquei muito mais feliz, mas muito mais feliz mesmo, ao ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, do que quando assumi a Presidência da República. (D.F.)